



## EXPERIMENTAÇÕES PERFORMÁTICAS

Bárbara Collier

*Universidade Federal de Pernambuco*

*collbarbara@gmail.com*

**RESUMO:** Este é um relato pessoal sobre meu processo criativo e expressivo como artista plástica e pesquisadora em artes visuais. Inclui uma reflexão e breve histórico de minha produção e algumas referências artísticas e teóricas, bem como futuros trabalhos que serão realizados em Maio de 2016. A produção artística permeia as discussões sobre o feminino, a mulher e o corpo

**Palavras-Chave:** Processos criativo, performance, artes visuais.

Minha pesquisa artística sempre girou em torno do universo feminino - casamento, amor entre mulheres, aborto, loucura, devaneio. Identidades e conflitos pertencentes à mulher. Parte dessa produção foi exposta na mostra “MULHER”, no Coletivo Branco do Olho em outubro de 2006 - Casa forte - Recife-PE, no Projeto Exposições Relâmpago.

O momento era de construção da minha identidade como mulher e não mais de uma jovem ou adolescente! Desde a infância questionei os padrões formais para o destino traçado e imposto nas normas de convivência social - casar - trabalhar - ter filhos - andar de salto - maquiada - roupas da moda - cuidados do lar.

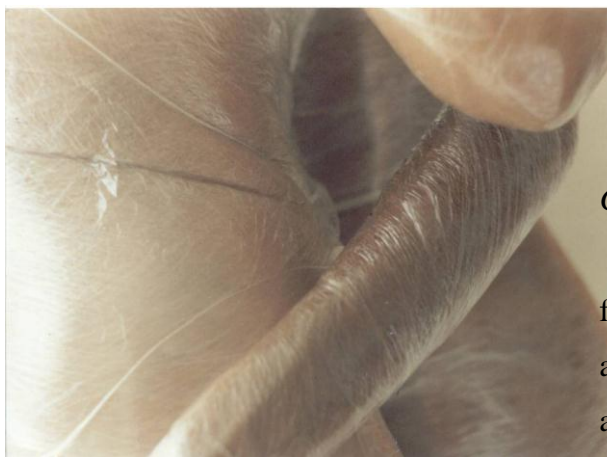
Nunca me observei como princesa, muito menos gostava de suas historias, nunca

gostei de trabalhos e brincadeiras de casinha, de boneca ou coisa parecida, pra mim beirava o insuportável. Nem sei se não gostar desse tipo de coisa assustava a minha mãe, pessoa tão conservadora, lembro que a palavra “sapatão” era encarada como um medo, mas pra mim era apenas uma pessoa que calçava sapatos grande, nunca entendi “o problema” real escondido por traz disso. Ao mesmo tempo eu era a princesa da casa, cercada por três irmãos, a “Penélope Chamosa de papai”.

No final do último período da graduação em Artes Visuais, coincidindo com fase a em que também me formava como ser adulto, independente e responsável, esses questionamentos surgiram em forma de trabalhos artísticos, performances em sua maioria, onde um misto de ritual, crítica e desapego rondavam os trabalhos artísticos e a



pesquisa sensível. Entendo por pesquisa sensível a materialização em trabalho artístico aquilo que me toca, que me afeta - sentimentos, sensações e dúvidas.



O primeiro trabalho *Desejo Proibido* – 2004 foi elaborado especificamente para a Mostra de Arte Amor Entre Mulheres, promovidas pelo movimento LGBT. Um ensaio fotográfico mostram duas mulheres em cenas de intimidade. Apesar do toque físico ser possível, a sensibilidade é afetada por uma película de papel filme que impede essa relação de forma fluida e prazerosa.

Esse trabalho foi realizado num momento em que ainda não tinha me relacionado com nenhuma mulher e nem tinha ainda essa expectativa, não por achar errado, mas simplesmente por não ter até então me apaixonado por nenhuma mulher. Porém sempre me incomodava a interferência social e o julgamento ao afeto alheio às relações entre pessoas do mesmo sexo.



*Como tirar a vida que existe dentro de você.*

Minha avó era costureira, sustentou a família costurando pra fora quando meu avô ainda jovem faleceu. Crochê e tricô eram atividades presentes na minha casa, na minha família. E certa vez embebida na ansiedade de uma TPM e mesmo com sangramento menstrual achei que estava grávida. Num acesso de insanidade peguei uma agulha de tricô e passei mais de uma hora no banheiro pensando. Enfio, não enfio? Mato ou vou morrer? O que minha mãe vai pensar? O que eu fiz? O que eu deveria fazer? Eu vou pro inferno? A alma dessa pessoa vai ficar vagando por aí? A minha vai ficar vagando quando eu morrer? Depois de muito tempo e um banho longo e gelado a menstruação fluíu com mais força e pensei que eu poderia não estar grávida e era melhor esperar um pouco.

Sempre carreguei esse culpa comigo! Não só a culpa de pensar no aborto, mas de pensar em colocar minha vida em risco também. E em um fim de semana em que minha ansiedade me colocou pra fora de casa num domingo, como em um impulso, fui



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

visitar uma exposição no Museu do Estado de Pernambuco, ao chegar à porta da exposição me deparei com um poema, fiquei um bom tempo ali, lendo e relendo uma única estrofe e fui pra casa pensar. Não vi a exposição, na verdade meu corpo chegou ali só para ler aquela estrofe. No dia seguinte resolvi apresentar ao público a angústia pela qual passei. Coloquei o poema no chão, frase a frase e simulei aquele aborto, vida e morte juntos na mesma ação.

“ Dentro de mim mora um anjo, eu sou seu lado de dentro, ele é meu lado de fora.”

Cacaso



*Musa*, realizada ao fim de um curso com artista e professor de artes visuais o Marcelo Coutinho - pelo 46.º Salão de Artes Visuais de Pernambuco, realizei um ensaio fotográfico que discute a interpretação da mulher na história da arte. A mulher - musa - sempre retratada por homens. Trazendo a tona à discussão a percepção do feminino apenas como inspiração e nunca como realizadora de uma produção artística onde o feminino é apenas fonte de inspiração a essa estética masculina.



Em todas as suas realizações, a performance *Divas* trouxe novos elementos. A primeira vez foi realizada em Garanhuns no Festival de Inverno e posteriormente em Olinda e no Atelier Branco do Olho na sede no bairro de Santo Amaro.

A ação coloca a mulher num pedestal, na altura acima do olhar e durante algum tempo as artistas participantes da performance percorrem traços do feminino - a bruxa - a chefe de cozinha - a intelectual - a compulsiva - a ninfomaníaca - a rainha pop.

A performance se caracteriza por um ritual de cura e limpeza, onde encarnar esses estereótipos próximos a identidade das artistas participantes, empodera, em cada uma delas, suas múltiplas identidades e extrapola os limites para depois realinhá-los.





*Lavadeira* foi realizada no Museu Murilo La Greca - espaço cultural atualmente dirigido por mim. Essa performance é um ritual de passagem e preparação para a performance seguinte. Durante mais de uma hora, 10 metros de cetim branco foram lavados com sabão de coco, sal e açúcar. Um misto de limpeza (sabão), proteção (sal) e atração do amor (açúcar). Assim segui protegida para a próxima performance.



*Noiva, onde está sua felicidade?* Foi realizado no bairro de Santo Antonio – em Recife, no dia desse santo, o santo casamenteiro. O bairro no Recife possui oito igrejas católicas - isso mesmo OITO - o oito para mim é um número simbólico, pois representa o infinito.

Nessa época meu irmão estava prestes a se casar de terno e gravata na igreja. Ele sempre foi uma pessoa tímida e eu, além do ciúme, me perguntava por que ele se permitia essa exposição? Alí no altar diante de tanta gente e todo mundo olhando pra ele. E sim, era pelo ritual, pela sociedade, pelo desejo da futura esposa. Foi aí que novamente esses questionamentos sobre o casamento e sua felicidade ETERNA voltaram à tona. Não sei o porquê, mas nunca tive esse desejo de casar, NUNCA. O Homem da minha vida! Oi??? Como assim? Amor da vida inteira? A VIDA INTEIRA? Felizes para sempre? SEMPRE? Sei não. Isso nunca foi normal ou legal pra mim. Não entendia, não queria e não aceitava. Não que eu não acredite no amor, mas dedicar a minha vida a uma única pessoa durante toda a minha vida, aí já é demais. Daí com medo de encontrar esse pra sempre, profanei. No dia de Santo Antônio, vestida de noiva percorri todas as oito igrejas do bairro do Recife. As pessoas na rua achavam que era promessa, ex-voto, agradecimento pela graça alcançada, e eu estava ali para ser castigada por brincar com a religião alheia, ser abençoada e não casar nunca. Até aqui funcionou!

Vale ressaltar que tempos depois comecei um tratamento que sigo até hoje para diminuir os sintomas da minha tensão pré menstrual. Que me acomete terrivelmente no emocional e no físico. E já me colocou em



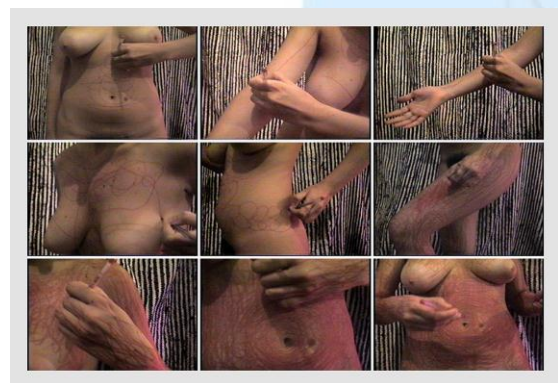
risco de vida por depressões e ansiedades infinitas.

Ao final dessa seqüência de produção artística, seguida de uma crise depressiva, procurei um tratamento químico junto a um psiquiatra, o processo criativo estagnou, parou. Não sei se o motivo. As angustias foram sanadas pelo processo químico? As questões foram respondidas? A dúvida persiste e insiste. Como retomar este impulso criativo? De onde retomar?

O início desse processo de busca e retomada se iniciou ao voltar para a Universidade - agora no mestrado porque eu sou adulta, independente e corro atrás dos meus desejos - em uma proposta de disciplina que discute gênero. Tramações: Cultura Visual, Gênero e Sexualidades, ministrada pela professora Luciana Borre e com uma metodologia diferenciada, onde professora e alunos são partícipes do processo construtivo e criativo da troca e produção do conhecimento. As experiências pessoais e o processo de pesquisa criativa permeiam a construção do conhecimento artístico/científico baseado na produção criativa/expressiva. A exposição Tramações me parece ser o espaço de culminância/troca de todo esse processo com um universo que vai além da sala de aula, ampliando a construção coletiva da aprendizagem.

Diante da proposta de criar e elaborar um novo trabalho de criação artística – ela, (professora) não me deixou apresentar trabalhos antigos. Fui me forçando a criar novamente, maldita/santa criatura essa professora. Eu achava que era impossível, mesmo assim comecei, a idéia era propor um processo de experimentação performática encenando performances de artistas que me tocassem íntima e profundamente - a idéia era ativar o corpo para a criação em performance. Fui dormir pensando em trabalhos e artistas que gostaria de encenar/experimentar e acordei pensando em novas performances e pimba! Voltei a criar!!! Segue aqui meu agradecimento a todos os alunos da disciplina em especial a Luciana Borre que não aceitou minha folga de apresentar um trabalho já pronto.

As quatro ações que eu dormi pensando foram:



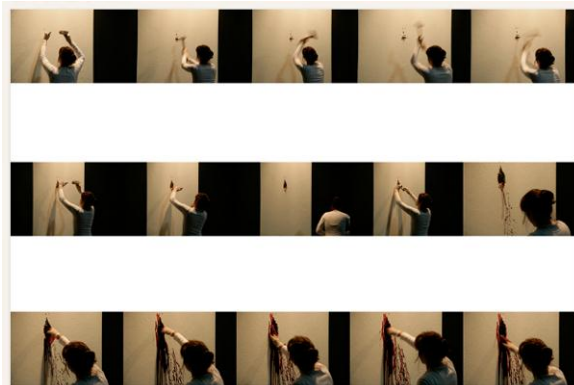
Lia Chaia, Desenho Corpo - A artista percorre todo o seu corpo com uma caneta esferográfica vermelha até não ter mais tinta. Sensação de auto agressão, rasgo na pele, dor,



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

repetição e insistência me tomam nesse trabalho.



Juliana Notari, Dra. Diva - A performance consiste na abertura de fendas - cavidades vaginais - em uma parede até a exaustão física da artista. Após a escavação, as fendas são banhadas com sangue de boi misturado com formol e nelas são introduzidos espelho de aço inoxidável.



Amanda Melo, Isolante - A artista cobre todo o seu corpo nu de fita isolante e sai caminhando no meio das ruas do centro do Recife.



Marcia X, Pancake - Em pé, dentro de uma bacia de alumínio (80cm de diâmetro), a artista abre uma lata de Leite Moça utilizando uma marreta pequena e um ponteiro. Derrama o leite condensado sobre a cabeça e corpo. Repetindo a ação com todas as latas. Em seguida abre um pacote de confeitos coloridos, colocando o conteúdo numa peneira. Peneira os confeitos sobre a cabeça e corpo. Repetindo a ação com todos os sacos de confeito. Os vestígios resultantes da performance permanecem em instalação.

E não é que eu fui dormir tranqüila e acordei no supapo com novas performances criadas. Sempre foi assim, a performance amanhecia com o roteiro desenhado, no limite entre dormir e acordar, sonhar e criar. Fui dormir pensando em políticas de representação e acordei com performances desenhadas pelo impulso criativo. Obrigada novamente, achei que tinha perdido a artista que existia dentro de mim. Voltei a criar e foi uma mistura de despertar e gozar.

Sendo assim proponho três performances como trabalho final para

[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)





disciplina Tramações: cultura visual, gênero e sexualidades. Pensadas e criadas durante as aulas e nesse dormir/acordar/refletir/criar, são elas:

### **Vestido Vermelho**

Eu vestida em um longo vestido vermelho. Eu acreditava não caberia mais em mim e cabe, mas uma vitória pro meu caderninho de pós bariátrica. Eu toda montada, maquiada, de salto, com sutiã arrebenta/suspende peito, cinta para segurar a barriga, calcinha com enchimento e todo tipo de montagem, me desmontar, lentamente.

Com um batom vermelho em punho começo a riscar meu corpo, a principio como quem marca os cortes de diversas cirurgias plásticas, posteriormente uso o batom como uma faca que corta e agride o corpo deixando suas marcas vermelhas por todo ele. A proposta é discutir esse “ideal de mulher” proposta pela sociedade consumista e machista.

### **Armadura**

Há 04 meses realizei uma cirurgia bariátrica, eliminei 27 kg até agora, recuperei minha saúde e hoje tenho uma relação melhor - mais leve literalmente falando - com meu corpo, porém nem sempre isso foi assim. Sempre fui uma adolescente muito atraente, me diziam isso e eu acredito. Beleza e corpo

torneado pela prática esportiva de 03 horas diárias, não me trouxeram tantas coisas boas assim.

Homens que se aproximavam apenas para o sexo - com o corpo e não comigo - assédios de todas as possibilidades. Desde um homem a me espremer em um ônibus vazio e se masturbar do meu lado - só entendi o que aconteceu muitos anos depois, não sabia o que era aquela coisa rosa que ele mexia tanto na mão - o marido de uma tia querida a tentar me convencer que eu era linda, sexy, que sexo é ótimo e homens experientes são os melhores pra começar! – Ele no caso - Entre tantos outros absurdos que hoje sei que várias mulheres passam. Mesmo sendo uma artista feminista – como afirma minha amiga, Clarissa Diniz - eu tinha medo de me assumir assim, pois não entendia muito bem o que significava ser uma artista feminista e não gostava de rótulos.

Muita terapia e muita informação, me fizeram perceber que os assédios que sofri não eram culpa minha. Muitos quilos depois e com a saúde debilitada, resolvi me libertar dessa “armadura” de gordura que me protegia e aprisionava meu corpo - que me deixava fisicamente menos atraente que me “protegia” do assedio alheio – sim, mulheres também me assediavam. Essa performance tem um quê de Essa performance tem um quê de rito e catarse, uma vez que meu corpo será



totalmente encoberto pela quantidade de gordura perdida.

### **Gostosa – O “X” da questão**

Essa é uma boa vivencia, livre e na cara dura, da obra de Márcia X.

O leite condensado é meu inferno na terra! Amo o gosto, a textura, a cor, o cheiro e suas possibilidades de invenções e receitas quânticas. Ele foi e é meu pior inimigo. Por culpa dele engordei absurdamente e vivenciar esse elemento de forma tátil é uma possibilidade indescritível. Nessa performance, irei utilizar o leite condensado cozido em ponto de doce de leite e irei besuntar todo o meu corpo até desconfiguração total.

Sendo assim, volto ao processo criativo embasado nos discursos e teóricos contemporâneos, entre eles Deleuze, Judith Butler, Agamben, Rakim Bay.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGAMBEN, Giorgio. Profanações. Tradução e prefácio: Selvino J. Assmann Boitempo 2012.

AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual, Política da Estética e Educação Emancipadora. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.) **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011, p. 69-111.

AQUINO, Suellen. **“Tu é menino ou menina?”** Teoria *queer* e arte/educação (no prelo).





BORRE, Luciana. Cultura visual: travessias, provisoriiedades e encontros em processos de ensinar e aprender. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da Cultura Visual: aprender... pesquisar... ensinar...** Santa Maria: Editora UFSM, 2015, p. 111-132.

\_\_\_\_\_. **Experiências A/r/tográficas em Gênero e Sexualidades** (no prelo).

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand. 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

COSENTINO, Caroline. **Fantasmas imaginários do corpo casa: a vídeo performance como meio de ressignificação afetiva** (no prelo).

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível – Estética e política**. São Paulo: Editora 34, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 7-26

<http://liachaia.com/filter/trabalhos/DESENHO-CORPO>

<http://www.juliananotari.com/dra-diva/>

<http://www.premiopipa.com/pag/artistas/amanda-melo/>

<http://www.marciart.br/mxObra.asp?sMenu=2&sObra=1>.